

## O CASO DE ANNE VIRIATO NO MMA BRASILEIRO<sup>1</sup>

Rafael Marques Garcia,

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

### RESUMO

*O presente texto objetiva compreender a participação da atleta trans Anne Viriato no MMA brasileiro. Caracteriza-se como um estudo de caso, de caráter descritivo e qualitativo, realizando uma entrevista contendo perguntas que versavam sobre a história de vida de Anne. Percebemos que mesmo competindo entre homens, Anne sofre com artimanhas transfóbicas que deslegitimam sua participação no esporte, fruto da competência biomédica cis entranhada nas normas esportivas.*

*PALAVRAS-CHAVE: esportes; pessoas transgênero; cisnormatividade.*

### INTRODUÇÃO

Anne Viriato é a única mulher transexual em atuação no MMA brasileiro, iniciou-se na luta pelo Jiu-Jitsu onde graduou-se faixa preta em 2020. Sua transição de gênero começou aos 12 anos e hoje a atleta compete pela categoria masculina, mesmo já tendo realizado os procedimentos feminizantes e adotado sua nova identidade de gênero. Por essa especificidade, seu caso muito repercute, já que se difere da maior parte de outros casos envolvendo atletas mulheres trans, que após a transição decidem atuar pelo naipe feminino.

Quando um corpo trans decide ultrapassar a barreira da “normalidade” e inserir-se num local delimitado e regulamentado por regras, entidades nacionais e internacionais, deflagra-se um ato de resistência e ocupação de espaços que não foram pensados para sua existência. Socialmente, somos todos/as demarcados/as por enunciados sociais que nos fazem ser compreendidos/as e nos possibilitam compreender as pessoas, sociedades, culturas e estruturas epistemológicas da vida pós-moderna, sendo a ênfase normatizadora conferida à cisnormatividade (VERGUEIRO, 2015).

O prefixo cis, conforme explica Vergueiro (2015) é o alicerce de toda norma explorada pelo sujeito universal, ou seja, o colonizador; o sujeito dominante das estruturas do poder que se fortificam pelo emaranhado das intersecções identitárias, tais como a nacionalidade, a raça/etnia, o gênero, a classe, a religião e o nível de instrução. O padrão cis é

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

a ilustração de relações de poder que vieram se construindo e perpetuando ao longo da História.

O presente texto objetiva compreender a participação de Anne Viriato no MMA brasileiro. Como foi o percurso desenvolvido pela atleta ao longo de sua trajetória esportiva e como seus pares absorveram o marcador da transgeneridade? Cientes de nossa herança histórico-cultural cis, interessa-nos investigar seus desdobramentos na atuação e participação de atletas trans em território nacional

## METODOLOGIA

O presente trabalho<sup>2</sup> se caracteriza como um estudo de caso, de caráter descritivo e qualitativo (TRIVIÑOS, 2015). Realizamos em 2019 uma entrevista contendo perguntas que versavam sobre a história de vida de Anne via ligação de áudio através do celular *Motorola G-8* e gravada pelo aplicativo *Gravador de Voz* ao vivo. Todos os dados foram transcritos em um caderno de anotações.

Para análise, debruçamo-nos sobre a narrativa de Anne da seguinte forma: fizemos uma leitura dos dados e construímos preliminarmente os indicadores que foram basilares para a análise, numa espécie de unidades de registro; referenciamos nossos índices e indicamos nossos apontamentos através de recortes e categorizações do texto, ordenando nosso material para uma exploração mais específica; e tecemos nossas análises em diálogo com a literatura e evidências científicas mais significativas de acordo com o objeto alvo da pesquisa em questão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na entrevista, optamos por iniciar perguntando quem era a atleta Anne Viriato (AV), para que a atleta pudesse se definir e assim evitar que nós estivéssemos falando de sua identificação por ela. Todos os dados aqui expostos foram previamente consentidos em serem divulgados por Anne.

AV: Me chamo Anne Viriato, sou uma mulher transgênero, uma atleta, eu comecei no esporte na minha infância com 6 anos, praticando jiu-jitsu, fiz

<sup>2</sup> Aprovado pelo CEP HUCFF/UFRJ; Protocolo: 098-19; CAAE: 10289419.5.0000.5257; Parecer: 3.387.888.

judô, capoeira e outras artes marciais, na idade adulta resolvi entrar no MMA até chegar na parte profissional.

Anne é a única atleta trans brasileira no alto rendimento do MMA. A modalidade é identificada como uma prática esportiva que aglutina técnicas de várias outras artes marciais e/ou esportes de combate, destacando-se no universo esportivo das lutas, principalmente pela sua grande visibilidade midiática (GRESPLAN; GOELLNER, 2014). Em 2013, nos EUA, um acontecimento marcou as semifinais do *Championship Fighting Alliance*: a disputa entre Fallox Fox (trans) e Allana Jones (cis), que pôs em discussão social a legalidade e viabilidade da participação de atletas trans entre cis, suspeitando da legitimidade e intenção de uma atleta mulher trans, com histórico biológico de um corpo considerado masculino, frente a uma mulher cis, que se desenvolveu sem a particularidade da molécula de testosterona.

Anne conta que o meio esportivo lhe destacou tensionamentos difíceis de lidar. Como se sabe, o esporte moderno veio de desenvolvendo sobre uma ótica social binária fundada no contexto do século XVIII e fortemente assentada num discurso sexista, que marca e reforça as divisões pelo marcador do sexo e gênero (cis), reproduzindo desigualdades entre representações de masculinidades e feminilidades (GRESPLAN; GOELLNER, 2014). Anne destaca:

AV: Nas competições, depois da transição foi difícil, terrível. Ficavam com gracinha, diziam que não era pra eu estar lá que o feminino não era aquela hora. Eu morria de vergonha, chamavam meu médico, até explicar e expor minha vida pra poder lutar, isso me constrangia muito, atrapalhava meu rendimento, eu ficava nervosa, meu coração acelerava, queria sair correndo daquele lugar... por que eu não poderia chegar na área de concentração e ser normal? [...] Como eu tinha seio não podia lutar sem camisa, mas no masculino luta, a federação não me deixou usar top, lutei sem camisa duas vezes, foi a pior coisa da minha vida. A gente sentou com a federação pra conversar e explicar, eles acataram e foi uma melhoria pra mim [...] Percebo discriminação por ser trans, mas me finjo de cega.

Percebe-se o marcador da cisgeneridade no universo esportivo, que seria responsável pelo constrangimento a todo corpo que desvia da leitura tida como masculina ou feminina dentro do arranjo cis. Camargo e Kessler (2017) refletem a coexistência trans no esporte explicando que existem artefatos normatizadores para adequar pessoas nele, eximindo assim o processo contrário e isentando o esporte de reformulações. “A normalização sexual seria o preço a pagar para legitimar as participações esportivas” já que “a desestabilização provocada

por corpos dissonantes é acalmada com determinações normativas que regulam o que se encontra fora dos padrões instituídos” (CAMARGO; KESSLER, 2017, p. 200).

Sobre as noções de repercussão e visibilidade, Grespan e Goellner (2014) analisaram comentários de internautas sobre o caso de Fallon Fox, encontrando forte abjeção à atuação da atleta trans, pois rompeu-se com a normalidade do discurso biomédico cisgênero, reflexo de um ato transfóbico frente a uma modalidade marcada pelos atributos masculinos e culturalmente não indicados ao universo feminino, especialmente ao evidenciar a transição de gênero de Fox (GRESPLAN; GOELLNER, 2014).

Neste interim, Anne passou por processos humilhantes no que se refere à sua participação. Ela afirmou que esses eventos ocorreram apenas no início de sua inserção nas competições. Em paralelo, percebe-se que a maior parte das críticas e da repercussão sobre atletas trans gira em torno de mulheres trans que competem pelo feminino. Mesmo Anne competindo pelo masculino, ainda é possível encontrar elementos que não reconhecem sua participação de maneira legítima. Por perturbar a cisnormatividade, a presença de pessoas trans desloca os sentidos cissexuais e heteronormativos que balizam o fenômeno esportivo na atualidade e, mesmo atuando pela categoria masculina, ainda assim os mecanismos de vigia e coerção aparecem, denunciando que o esporte tradicional não absorve, em hipótese alguma, a transgeneridade.

Aprofundando sua participação entre os homens, Anne explica por que optou em continuar competindo com eles, mesmo após seus processos de transição de gênero e uso de hormônios. Ela destaca que esse enquadramento não a incomoda, mas sim a instiga a obter cada vez mais resultados:

AV: Sempre me vi como mulher e sempre soube o que eu sou, então lutar como homem não muda a minha cabeça [...] É um modo de desafio, para mostrar que mulher também é forte, poderosa...

[Hormonização] Atrapalha muito, sempre que acaba eu passo mal, no 2º ou 3º round, to muito desgastada [...] se não fosse Deus eu já tinha desistido, falta de ar, tonta, não consigo ficar em pé, me levam, preciso tomar soro pra voltar, passo mal no final da luta.

Na fala de Anne, podemos refletir sobre as diferenças fisiológicas entre membros do próprio naipe masculino e/ou feminino, mas que se resume à diferença entre corpos. Torna-se importante pensar sobre como se reage à presença de estímulos endógenos e exógenos, já que

corpos recebem diferentes estímulos ao desenvolvimento das habilidades motoras e apresentam respostas diferentes aos hormônios androgênicos ou estrógenos (principalmente com a administração externa desses). Logo, todo corpo, estimulado e manipulado de forma estratégica, pode apresentar desempenho menor/igual/superior que outro. Em suma: mais alta/o, forte, magra/o, explosiva/o, potente, resistente, entre outros, são características de corpos, que embora genericados, não são determinados unicamente pelo gênero, sexo biológico ou hormônios androgênicos (CASTRO; GARCIA; PEREIRA, 2020).

Ao comentar sobre seu caso e o interesse de patrocinadores, Anne diz não identificar nenhum empecilho quanto à sua condição trans:

AV: Quero mostrar meu potencial como competidora pra que venham me patrocinar, pra mim nunca falaram isso de se por ser trans não querer patrocinar, mas às vezes as desculpas são que não estão legais pra fechar, mas não sei se é por essas coisas [transfobia].

No Esporte, mecanismos de coerção e vigia das identidades de gênero e sexualidade se traduzem pela perseguição midiática e da torcida, pela perda de patrocínios, pela não convocação para seleção nacional do país, entre outros (BRITO; PONTES, 2015) que, assim, registram o caminho a ser trilhado para a construção de uma carreira de sucesso. Nesta passagem, não foi possível identificar pela atleta como essa relação se dá no que se refere aos seus patrocinadores, deixando essa questão em aberto para possíveis reflexões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto entrevistamos Anne Viriato, mulher trans atleta de MMA que mesmo competindo entre homens, ainda assim sofre com artimanhas transfóbicas que deslegitimam de participação no esporte. A grande repercussão negativa da participação de mulheres trans é quando atuam no naipe feminino, então por que Anne enfrenta aspectos tão constrangedores mesmo atuando entre os homens?

Pelo exposto, a competência biomédica cis, amplamente desenvolvida com o avanço da Medicina ao longo do século XX, entranhou-se nas normas esportivas tornando-se, até o presente, inalterável e intocável, servindo de subsídio para manifestações transfóbicas que visam excluir corpos não-cis das práticas esportivas atuais.

## THE CASE OF ANNE VIRIATO IN BRAZILIAN MMA

### ABSTRACT

*This text aims to understand the participation of trans athlete Anne Viriato in Brazilian MMA. It is characterized as a case study, of a descriptive and qualitative character, conducting an interview containing questions that dealt with Anne's life history. We realized that even when competing among men, Anne suffers from transphobic tricks that delegitimize her participation in sport, the result of cis biomedical competence embedded in sports rules.*

**KEYWORDS:** *sports; transgender persons; cishnormativity.*

## EL CASO DE ANNE VIRIATO EN MMA BRASILEÑO

### RESUMEN

*Este texto tiene como objetivo comprender la participación de la atleta trans Anne Viriato en el MMA brasileño. Se caracteriza por ser un estudio de caso, de carácter descriptivo y cualitativo, realizando una entrevista que contiene preguntas sobre la historia de vida de Anne. Nos dimos cuenta de que incluso cuando compite entre hombres, Anne sufre de trucos transfóbicos que deslegitiman su participación en el deporte, resultado de la competencia biomédica cis incrustada en las reglas deportivas.*

**PALABRAS CLAVES:** *deporte; personas transgénero; cishnormatividad.*

### REFERÊNCIAS

BRITO, L. T.; PONTES, V. S. “Tiffany Abreu is still one of the guys” - uma discussão sobre transgeneridade no espaço do voleibol”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19. 2015, Vitória/ES. **Anais...** Vitória/ES, 2015.

CAMARGO, W. X.; KESSLER, C. S. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 191-225, abr. 2017.

CASTRO, P. Z. C.; GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B. O voleibol e a participação de atletas trans: outro ponto de vista. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 01-22, abr. 2020.

GRESPLAN, C. L.; GOELLNER, S. V. Fallon Fox: um corpo queer no octógono. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1265-1282, out./dez. 2014.



CONBRACE  
CONICE 2021  
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e  
Ciências do Esporte  
no tempo presente:

Defender Vidas,  
Afirmar as Ciências

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. O positivismo; a fenomenologia; o marxismo. São Paulo: Atlas, 2015.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 243f. Dissertação (Mestrado). Curso de Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2015.

